



ATUAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA HOSPITALAR NOS CUIDADOS PALIATIVOS EM PEDIATRIA.

Eixo Horizontal: EH1: ESPECIALIDADES MÉDICAS/CAMPOS DE ATUAÇÃO

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Natalia Santiago Chalfun Suzano; Monique Soares Evangelista; Cinthia Lima Ramos; Márcia Regina Costa; Rafaella de Andrade Pereira;

Todo sujeito demanda cuidado, assim torna-se necessário entender como é a relação de uma criança gravemente enferma e o momento da comunicação do diagnóstico de Cuidados Paliativos que repercute na tríade família-paciente-equipe. Esse tratamento precisa ser realizado integralmente, e gradualmente, na atualidade essa abordagem começa angariar espaço nos hospitais e home care (para algumas instituições públicas, internação domiciliar ou atendimento domiciliar). Ele inclui uma certa proximidade, acolhimento e suporte emocional, por parte de todo ator envolvido, isto é, o que pode facilitar ou minimizar como a criança lidará com momentos de fragilidade. Este trabalho traz a importância de valorizar a autonomia da criança hospitalizada e posteriormente apresentar a contribuição do psicólogo para o tratamento do paciente pediátrico em Cuidados Paliativos. A partir de uma pesquisa descritiva, exploratória e com base em uma revisão bibliográfica nas bases de dados indexadas e nos bancos de dados que disponibilizam teses e dissertações. Assim, foi possível perceber a necessidade de maior número de profissionais habilitados na área de Cuidados Paliativos em pediatria, em todas as especialidades na área da saúde. Existe uma condicional de dificuldade em nossa cultura com relação à palição em pediatria, com uma raiz judaico-cristã, reforçados pelo ideal de que nenhum mal deve acontecer a crianças, há um misto de emoções e sentimentos presentes no adoecimento da criança por câncer e, principalmente quando há a indicação de palição exclusiva, após um percurso de hospitalização, que se traduz por um intenso investimento familiar e profissional, além da criança, que tem seu corpo invadido e sua rotina de vida alterada de forma significativa. Sob referencial desses adultos, responsáveis por ela e por sua vida, as fragilidades e tensões emocionais se apresentam nas relações estabelecidas no ambiente hospitalar (família-equipe) e têm implicações para saúde da criança podendo gerar uma desvalorização de sua palavra, do que ela tem a dizer e consequentemente sua necessidade de ser ouvida e esclarecida sobre seu diagnóstico, tratamento, e prováveis períodos de hospitalização. A atuação do psicólogo favorece que a criança lide com seus temores, seja por oferecer uma escuta clínica, para um dizer que pode vir pela palavra, pelo lúdico ou por não recuar diante de assuntos considerados 'proibidos', como a possibilidade de morte. O psicólogo, junto à equipe de saúde e a família tem oportunidade de fazê-los tentar compreender a importância da autonomia da criança, dentro do possível, ele pode funcionar como um interlocutor que 'traduz' perguntas e questionamentos, feitos pela criança que poderão ser respondidos. Isto pode resultar relações mais saudáveis e numa melhor qualidade de vida para a criança e sua família, emocionalmente saudável para acessar a ideia da própria morte, lidar com luto antecipatório da família, adquirir qualidade de vida e expressar seus desejos. Os resultados encontrados neste estudo apontam para o valor do olhar integral para a criança, podendo minimizar o sofrimento psíquico dela, da equipe e família. Isso sustenta a obrigatoriedade de uma equipe multiprofissional, dentre eles a presença de um psicólogo, no que tange à área de oncologia.